

In Tavares, M.F.A., Azevedo, C.R., Bezerra, M.A. orgs., (2012). *Tratado de Psicologia Transpessoal*, EDUFRN, Natal, cap. 6, págs.197.

UNIDADE

Moacir Amaral

Gratidão,
À Vida, assim como é;
À Theda Basso, amiga generosa e profunda;
À Lara Nandini, minha filha, inspiração afetuosa para a vida.

Olhar para o céu azul, para as nuvens altas e bem delineadas; para as colinas verdes bem desenhadas contra o céu; para o capim viçoso e a flor murcha – olhar sem nenhuma palavra de ontem, a mente completamente quieta, silenciosa, não perturbada por nenhum pensamento, o observador completamente ausente –, assim é unidade. Não é que você está unido à flor, ou à nuvem, ou àquelas colinas arrebatadoras; é um completo não ser, no qual toda divisão cessa.

J.Krishnamurti

Unidade. O que é a Unidade? Pode o ser humano, envolvido nas múltiplas demandas da vida moderna conhecer a Unidade? Cheio de compromissos, familiares, profissionais, financeiros, emocionais, cada um a puxá-lo em uma direção diferente, fragmentando sua vida em múltiplos interesses? Com seus muitos gostos, muitas desejos, muitas vezes contraditórios e excludentes? Ele mesmo dividido entre o que é e o que gostaria de ser; entre o que é e o que imagina que os outros gostariam que ele fosse; com muitos medos se sobrepondo, cada um com sua pressão, medo de não conseguir realizar-se, medo de não ser reconhecido e respeitado, medo de não ser amado... Pode o ser humano conhecer a Unidade? O que é a Unidade? É a união de todos os fragmentos?

Não. Unidade não é a junção de fragmentos. Unidade não é o fim de um processo de unificação. Começamos com a Unidade. E terminamos com a Unidade. O um, inteiro. Que abrange tudo que existe, tudo que existiu e tudo que venha a existir. Um campo de infinitas possibilidades. Potencial criador sem limites. A totalidade. E a totalidade nunca se desfaz. A totalidade é onde tudo acontece. É maior que a soma das partes, e não existe nada que esteja fora dela. A totalidade não é uma coisa, como um vaso que contém todas as coisas. É um vasto movimento, sem começo e sem fim, onde tudo se forma e se dissolve; onde tudo aparece e desaparece; e é sempre a mesma totalidade. É o que é. Imutável, onde toda mudança acontece. Onde a Vida acontece, e o inteiro permanece.

Unidade é o que veio antes e permanece depois, sempre presente. Antes do próprio tempo e do espaço. E depois de tudo acontecer. A variedade da Vida acontece na Unidade. Vida que aparece como um movimento perene de transformação, destruição e criação incessante. Criando e destruindo tudo que existe. Para tornar a criar e destruir. Gerando formas e mais formas, abandonando-as e destruindo-as, renovando-se e inovando. Fluindo, fluindo sempre. A Vida nunca pára. Nunca morre. Um movimento perene de transformação.

A Vida não está nas formas que gera, as formas é que aparecem na Vida. A Vida não é o pássaro voando, é o vôo sem o pássaro, como na imagem comunicada por um amigo muito querido e distante. É a respiração e circulação do sangue: é a Vida que respira na respiração; é a Vida que circula na circulação do sangue. O sangue circulando e a respiração aparecem na Vida, como o pássaro no vôo. A Vida veio antes. Incriada, cria tudo o que aparece e que desaparece.

Ser é o movimento sem nome e sem forma da Vida. Vida é o nome do Ser. Sem nome é o princípio de tudo, por trás ou por dentro de tudo, a base de tudo. Com nome é criadora de tudo. Ser é verbo infinitivo. Vida é substantiva. Ser é Pai desconhecido, e incognoscível. Vida é Mãe criadora de toda variedade. Mas não são dois, não são muitos; é apenas Um. Inteiro. Unidade e totalidade. Nunca deixa de Ser.

Vida aparece como mente e matéria. Um campo informacional e inteligente e um campo substancial, plástico e inteligente. O campo mental é também chamado de campo espiritual, ou mundo espiritual; o campo substancial é também chamado de mundo físico, ou campo material. Ambos os campos gerados pelo fluxo de transformação perene que é a Vida. É o fluxo de transformação que é desmembrado pela consciência observadora em um campo informacional e um campo de substancia formada, ou formas. Mente e matéria atuam como pólos, embora sejam um só campo, e essa polaridade é geradora de energia. Energia que se apresenta em um só fluxo com dois aspectos: consciência e vitalidade. Consciência e vitalidade estão sempre juntas, mas onde uma aparece a outra desaparece, por isso podemos dizer que a vitalidade traz a inconsciência, e que a consciência destrói a vitalidade.

Como na tragédia de Prometeu, que reconto livremente. O imortal Prometeu, ele mesmo um deus, roubou o fogo dos deuses no Olimpo e deu-o aos seres humanos na Terra, ensinando-os a forjar o ferro e fazer armas e ferramentas; ensinando-os a plantar e a colher. Os deuses não gostaram nada disso, e por esse crime Prometeu foi punido severamente. Fora ele mortal e teria sido condenado à morte, mas sendo um deus e imortal foi agrilhado ao Cáucaso, com correntes de ferro, para sofrer uma tortura eterna: durante o dia uma águia vinha e comia seu fígado, à noite o fígado se refazia; repetindo-se dia após dia esse sofrimento que parecia não ter fim.

Essa é uma linda imagem para o drama do fluxo consciência e do fluxo de vitalidade. Fígado é o órgão da vitalidade por excelência, aproveitando as substâncias que vêm da alimentação, separando o tóxico do nutritivo, processando açúcares e gorduras, proteínas e minerais, construindo um plasma sanguíneo que pode nos alimentar e renovar; a noite é uma imagem da inconsciência, ao cairmos no sono e nos desligarmos dos acontecimentos externos: o fígado se refaz a noite, na inconsciência, o corpo se renova no sono profundo. A águia é uma excelente imagem do fluxo de consciência, com seus olhos agudos e seu bico poderoso, percebendo um animalzinho, seu alimento, à quilômetros de distância enquanto voa nas alturas; assim como a luz do dia é imagem da consciência; a águia come o fígado, a consciência desgasta a vitalidade. Estão sempre juntas, mas parece que onde uma está, a outra desaparece. Parecem forças contrárias. Consciência parece fluir da mente em direção à matéria; vitalidade parece fluir da matéria em direção à mente. Mas é um único fluxo, com essa estranha característica. Talvez faça mais sentido se dissermos que a consciência é o movimento perceptivo da mente; e a vitalidade é o movimento substancial da matéria. Um só movimento que é Vida.

A Vida acontecendo cria seus instrumentos vivos. A consciência circunscreve-se, individualiza-se na mente como espírito; e a vitalidade circunscreve-se, individualiza-se na matéria como corpo. Espírito e corpo não são dois, mas apenas um que aparece como dois. Espírito é mente corporificada; é o campo espiritual corporificado, individualizado. Corpo vivo é matéria espiritualizada. Aliás, corpo é sempre vivo, pois quando a vitalidade o abandona não é mais corpo e sim, cadáver. Minerais, plantas, animais e seres humanos são instrumentos vivos criados pela Vida em seu movimento perene. O organismo humano se mostra o mais refinado dos instrumentos da Vida. Um instrumento onde o espírito corporificado é capaz de conhecer e criar; e onde o corpo espiritualizado é capaz realizar a Unidade.

A consciência circunscreve-se na mente ao dar-se conta de si mesmo. A vitalidade circunscreve-se na matéria pelo mesmo impulso, ainda que inconsciente. Esse impulso em direção à si mesmo está

presente no movimento da Vida, como um impulso à preservação em meio à transformação perene. A consciência que se dá conta de si mesma identifica-se consigo mesma e se percebe como um Eu sendo, assim individualizando-se. Por isso se diz que o espírito é o princípio da individualidade humana, aquele que diz: “Eu sou”. A consciência de si mesmo. O “Si mesmo” junguiano. Mas nem a consciência nem a vitalidade circunscrevem-se de fato. Apenas formam essa circunscrição, no impulso de preservação diante do fluxo incessante de transformação.

As correntes da Vida, consciência e vitalidade, aperfeiçoam os instrumentos vivos; o organismo humano é fruto desse aperfeiçoamento. A vitalidade aperfeiçoa o sistema digestivo e produz esse fluido tão especial que é o sangue humano, mantendo a nutrição e o calor circulante em uma temperatura precisa, fundamentais à preservação do organismo. A consciência aperfeiçoa o sistema nervoso e produz esse instrumento inigualável em sua capacidade cognitiva, ordenadora e operacional que, em seu movimento contraente e desgastante, cria limites à expansão e dissolução promovidas pela vitalidade, in-formando o organismo. A consciência se serve do cérebro humano e com ele se identifica, percebendo-se como sujeito das ações e atividades corporais. Aparentemente separada no acontecer da Vida.

As duas correntes juntas, sem que uma prevaleça sobre a outra, criam no organismo o seu sistema rítmico; sangue e nervo cooperando para que coração e pulmão estabeleçam a pulsação da Vida. O coração certamente não é uma bomba a impulsionar a circulação sanguínea, mas é criado na circulação sanguínea como órgão perceptor e regulador da sua relação com o pulmão e mundo externo, determinando o pulsar cardio-respiratório, o pulmão respondendo às necessidades gasosas do sangue. A saúde orgânica é palpável no ritmo cardio-respiratório. Ritmo, relação, alternância e pulsação são a dinâmica da saúde e da Vida. Onde existe a paralisação, a fixação e o enrijecimento, aí a vitalidade não circula; onde existe a dissolução e a deformação e o movimento e expansão aleatória aí a consciência não circula. Saúde é a harmonia das correntes da Vida, à serviço do organismo e da totalidade da Vida.

O movimento da Vida deixa rastros: resíduos materiais e registros mentais. Cria formas e mais formas e as abandona. A Vida nunca abandona, é a vitalidade que abandona a transformação perene, deixando formas materiais; deixando na matéria a matéria inanimada e sem vida, como memória no espaço; e deixando informações inscritas na mente como registro inanimado, como memória e tempo, a memória de seu acontecimento passado. É a própria matéria inanimada que se acumula e cria na consciência observadora a noção de espaço; e a memória acumulada na mente cria na consciência observadora a noção de tempo. Um campo material se distingue de um campo de memórias. O que é apenas um novamente aparece com dois. Ambos campos inanimados de resíduos, rastros do movimento da Vida, influenciando e condicionando o movimento da Vida. Tempo e espaço e seus movimentos aparentes. O espaço inanimado tendendo à conservação e à inércia, aparecendo como base de tudo, e como substância. E o tempo aparecendo como movimento que a tudo transforma, criando e destruindo, palco de lembranças e do esquecimento, crenças e impregnações duradouras. A Vida acontecendo aparece à consciência como um movimento no tempo, onde a morte se dá quando o movimento da Vida abandona sua forma, que assim inanimada, tende ao repouso, morta, no espaço. A Vida não morre, as formas abandonadas e inanimadas aparecem como mortas. A memória do acontecido fica guardada, registrada no tempo. Um campo de memórias influenciando o espaço e o próprio tempo. Influenciando o acontecer da Vida, como padrões que tendem a se repetir, e que reagem ao movimento da própria Vida.

O corpo inteiro e, em especial, o cérebro humano, sua capacidade como processador de informações e sua capacidade cognitiva, aspectos corporal e funcional dos campos material e mental, que são instrumentos de acesso e memória simultaneamente, traduzem as memórias em imagens, palavras, pensamentos, conceitos e idéias, símbolos informativos com os quais se envolvem e se desenvolvem. Dá os símbolos à consciência, como uma forma de operar e se comunicar. Uma forma de operar e se comunicar entre muitas outras. O corpo humano, ou organismo humano é todo ele memória, processador de informações e comunicação simultaneamente, seus aminoácidos e catecolaminas, hormônios, neurotransmissores, peptídeos e proteínas fazem do organismo toda uma rede comunicadora de primeira linha. O impulso elétrico e eletrônico nervoso, e perinervoso, transferem informação com precisão e eficiência. Sua própria forma corporal mecânica, como estrutura geodésica,

se presta à circulação e transferência de informação. Essa rede comunicadora é expressão da inteligência e sabedoria universal. O corpo é instrumento e expressão do campo de sabedoria universal.

Como todos organismos vivos, o corpo humano passa por um processo de maturação no tempo. Não nasce pronto. Concepção, nascimento, infância, adolescência, idade adulta, velhice e morte: é o seu ciclo vital. É o processo de maturação do organismo e em especial do sistema nervoso e cérebro, em seus aspectos reptiliano, límbico, hemisfério direito e esquerdo e pré-frontal, que permite à consciência humana o seu aparente desenvolvimento, passando de uma fase pré-pessoal à uma fase pessoal. O desenvolvimento cognitivo e da capacidade de observação da pessoa, aliado a um “trabalho de consciência” em si mesma, abre-a à possibilidade transpessoal.

Trabalho de consciência é a simultânea mobilização da atenção no fluxo de consciência e da intenção no fluxo da vitalidade. Atenção e intenção mobilizadas organizam a consciência de maneira semelhante ao que acontece com a luz no raio laser: transforma-a em um poderoso instrumento de percepção e penetração no inconsciente, movendo expandindo o fluxo de consciência por outras regiões da mente – mente que está em tudo o que existe, junto com a matéria, e é o arcabouço informacional de tudo o que existe; isso amplia a estados que a pessoa experimenta como não-usuais de consciência onde muitos segredos se desvelam, e ressignificações acontecem. Conexões transpessoais podem acontecer, vindas tanto do passado quanto do futuro, no tempo que se mostra finito e circular. Padrões ancorados em crenças impensáveis revelam-se à consciência assim ativada, liberando-a de cargas que as vezes se mostram muito antigas.

O campo de memória não é pessoal, assim como as crenças e os padrões, formando um só campo mórfico, com diversos níveis vibratórios, como campos dentro de campos dentro de campos... A consciência contraída, centrada em si mesma, tem características vibratórias peculiares que a sintoniza com faixas específicas do campo de memória, e a “fecha” para o restante desse campo mórfico mental, onde se encontram as memórias e informações de tudo que existiu e possivelmente existirá, criando uma ilusão de linhas de continuidades e de que uma mesma individualidade espiritual continua a existir através de muitos nascimentos e muitas mortes. Mas nada disso é individual ou pessoal. Embora a isso se dê o nome de natureza transpessoal da individualidade. Assim como os padrões mórficos, que podem ser chamados de padrões kármicos, também não são individuais e pessoais. Os padrões kármicos são campos específicos dentro do campo maior, com enredos específicos; cada vez que a consciência se sintoniza com esses enredos, ela sofre a influência e cumpre esse karma. Toda e qualquer pessoa está sujeita a cumprir esses padrões kármicos, desde que vibre sintonicamente com eles.

O trabalho de consciência permite que esses padrões se revelem e percam sua carga condicionadora do fluxo de consciência e vitalidade. Em geral se encontram impregnados em cada nível da manifestação humana, espírito, alma e corpo, condicionando e limitando o fluxo da Vida, distorcendo a vitalidade e a consciência, levando às mais diversas patologias, sejam do organismo, sejam nos grupos, atingindo a sociedade e suas instituições, assim como o todo da cultura; o que por sua vez atua sobre a consciência e sobre a vitalidade intensificando as distorções e patologias, como num círculo vicioso. O trabalho de consciência que é um trabalho simultâneo de vitalidade e consciência, permite a interrupção desses círculos viciosos e até a instalação de círculos virtuosos. Mas é preciso entender os limites desse trabalho, senão estaremos vendendo, ou comprando, gato por lebre. Nenhum trabalho nos levará à Unidade, simplesmente porque nunca saímos da Unidade, apenas acreditamos que estamos fora dela, pela circunscrição corporal e espiritual, pela consciência identificada consigo mesma e com o corpo. O trabalho de consciência, como o estamos chamando aqui, pode levar a consciência a se desidentificar de todos os objetos e crenças, produzindo uma vida aparentemente muito mais confortável e eficiente, mas não pode ajudá-la a desidentificar-se de si mesma, uma vez que é realizado pela própria consciência identificada consigo mesma. Como Ken Wilber falou em seu “A Consciência sem Fronteiras” (1991): “É por isso que tudo que se tenta fazer, ou não fazer, é enganoso, e representa apenas mais resistência e mais separação. Tudo que o indivíduo faz é enganoso porque ele o está fazendo. Seu eu é resistência e, portanto, não pode por fim à resistência”. Além do que, “podemos levar o cavalo à beira d’água, mas não podemos fazê-lo beber”, segundo bom senso popular.

A desidentificação da “consciência identificada consigo mesma” de si mesma é a morte da identificação, a morte de si mesma, não como consciência, mas como si mesma. É a morte do eu. Morre a individualidade e o individualismo, o ego e o egoísmo. Morre o eu, morre o espírito, “morre” o corpo como instrumento do espírito. O corpo continua vivo como instrumento da própria Unidade. Ainda que se continue usando a palavra “eu” para referir-se aos atos da “pessoa”, ali não há nenhum sentimento, nem crença, de ser um eu. Iluminado pela Unidade, em plenitude e graça. Ninguém alcançou a iluminação; não existe ninguém ali. Só a Unidade existe. Até que um dia o corpo morre, e tudo acaba, pois o que ali vive, está fora da roda de nascimentos e mortes, está fora da roda do karma, fora do tempo e do espaço. A Vida vive ali, sem ninguém vivendo ali: Ser essencial (lembre-se: verbo infinitivo). Unidade.

Essa a vivência de Jiddu Krishnamurti (2005, págs. 104-109), nosso contemporâneo, assim expresso em seu poema “A Busca”, de 1927, aos 32 anos de idade:

Desde a própria fundação da Terra,
O fim de todas as coisas,
Eu sempre soube.

Olha! Chegou a hora,
a hora que eu sempre soube.
Liberto eu sou,
Livre da vida e da morte.
Dor e prazer não me pegam mais
Desapegado sou em afeição.

Além do sonho dos deuses eu sou.
Simples como a folha tenra eu sou.
Em mim estão muitos invernos e muitas primaveras.

Assim como a gota de orvalho é parte do mar,
assim eu nasci
no oceano da libertação.

Assim como o rio misterioso
Entra no mar aberto
Assim eu entrei
No mundo da libertação.

Este é o fim que eu sempre soube.

E continuou vivendo por mais 60 anos até morrer em 1986. Aquilo que ficou conhecido como “seus ensinamentos” aconteceram nas inúmeras palestras, livros, encontros e diálogos que ofereceu durante esses anos; falando sempre o mesmo essencialmente, que “a verdade é uma terra sem caminho” e preconizando o que entendia como “única revolução” (Krishnamurti, 2001) com uma paciência infinita, e uma delicadeza e atenção para com todos os seres vivos e inanimados.

II

A consciência é uma função da mente na matéria. Função de percepção e experimentação e registro. Não existe por si mesma, mas apenas como função. Consciência é o movimento que separa, ao cindir o acontecer com sua luz distintiva, e sua capacidade de circunscrever-se em si mesma, criando a noção de “si mesma” e aparecer como consciência de si mesma. Quando nos perguntamos pela Origem de tudo, é fácil projetarmos a gênese como gênese pela consciência. Contemplamos o vasto movimento da totalidade, sem começo e sem fim, projetamos e encontramos a grandiosa imagem do vasto movimento da totalidade aparecendo como mente e matéria simultaneamente, semelhante à luz, que é

uma só, um fluxo só que aparece simultaneamente como onda e partícula; consciência e vitalidade simultaneamente; o vasto movimento circunscrevendo-se sobre si mesmo, dando-se conta de si mesmo, tornando-se consciente de si mesmo, como um Deus criador que aparece no movimento indistinto da totalidade criando uma bolha de consciência de Si mesmo onde todo universo aparece, com todas suas criaturas. Um gesto autocriador magnífico que faz surgir Brahman em Parabrahman, para os hindus; faz surgir o Tai Chi no Tao, para os taoístas; faz surgir o Cosmos no Caos, para os gregos; faz surgir o Deus criador em Deus sem nome e sem forma, para a cultura judaico-cristã; faz surgir a Vida no Ser, essencialmente falando. É claro que não aconteceu assim, pois não houve um começo lá atrás, distante no tempo. Nada começou. A Origem é a consciência observadora que imagina ao contemplar a imensidão sem começo e sem fim. Imagina, assim como faz tudo o que faz: para não desaparecer imediatamente.

Ao circunscrever-se em si mesma, a consciência aparece como sujeito de ações sobre objetos. Onde temos um só, aparecem três distinções: sujeito, ação, e objeto. Ação pura, sem sujeito e sem objeto, infinitiva e eterna, aparece como ação limitada de um sujeito sobre um objeto, produzindo consequências. Unidade aparece dividida, e a multiplicidade se apresenta à consciência observadora identificada como sujeito. O sujeito observa suas ações e suas consequências. E julga, e julga-se também. Viver se torna um problema. A busca se inicia. Busca sua origem, a Fonte! Fonte de tudo é a Unidade, sempre presente. O sujeito consciente de si mesmo, e por isso separado, busca a Unidade. A consciência busca a Unidade perdida. Ela própria a cisão. Tudo se torna uma questão pessoal. Méritos e créditos se contrapõem à dívidas e culpas. Crime e castigo aparecem concomitantemente.

A consciência se recorta no fluxo da Vida contraindo-se, identificando-se e isolando-se na mente e na matéria, ao se dar conta de si mesma, e esse é seu pecado original. Parecido com uma bolha de ar que se forma dentro da água, uma bolha de consciência no fluxo da Vida. Também recorta o fluxo da Vida ao se deter em algum fenômeno em especial, separando-o do fluxo vivo onde acontece, como quando arrancamos uma árvore da terra, ou arrancamos um peixe da água. Como compreender uma árvore sem a terra onde está plantada e sem o ambiente que a envolve? Como entender um peixe fora d'água? A consciência recorta os fenômenos, estabelecendo começos e meios e fins. A consciência enxerga mundos no Universo, cria níveis de expressão de si mesma, com suas exigências e necessidades. Cria complexidades e se embriaga de si mesma. Quer ser a totalidade, quer ser a solução final. Não é. É o fator divisivo e separatista. O olhar da consciência identificada consigo mesma se separa no Universo; separa-se na Unidade, aparentemente fragmentando-a. E perdendo-a. A culpa atávica que carrega desde a sua origem. E o início de toda busca, que não é senão a busca da Unidade; a busca da religação com o Todo ou Deus, a busca de Deus, do ser essencial. Brahman em busca de Parabrahman; Tai Chi em busca do Tao; o Cosmos em busca do Caos; a Vida em busca do Ser.

Acreditamos que não vivemos na Unidade porque vivemos isolados na consciência de nós mesmos. Na consciência buscamos a Unidade "perdida"; e nesse jogo nos enredamos entre dores e prazeres. Sofremos.

A busca da consciência que se separou é a busca da Unidade perdida. A busca humana de felicidade e completude. A consciência pessoal se sente separada do Todo. E busca sua reintegração, sua religação. Nunca encontra. Presa de condicionamentos genéticos, ambientais, sociais e culturais, vive em insatisfação permanente, entre crenças e fantasias, com momentos fugazes de contentamento e sensação de plenitude; em conflitos e lutas internas e externas. Sempre a sensação de insuficiência, querendo ser o que não é, mas que acredita que deveria ser. Sem saber o que é. Achando que se fosse outro, aí sim, seria feliz. Desconhecendo-se a si mesma. Desejos e medos norteiam e desnorream seu estar no mundo. Mal estar.

Com as palavras, a consciência tateia o absoluto, que não cabe nas palavras. Aponta para algo intangível e incognoscível; aponta para o desconhecido na esperança de capturá-lo. Aponta para o invisível, na esperança de torná-lo visível. Quer conhecer, quer saber, acredita que sabendo chegará lá; a separação se tornará Unidade.

Sem palavras a consciência escuta o sussurro, e respira o perfume disso que anseia profundamente. Ouve a voz do Silêncio. Mas as mãos continuam vazias. “E quando vou tirar o papel de prata, que é de folha de estanho, deitado tudo ao chão, como tenho deitado a vida” canta Fernando Pessoa pela voz de Álvaro de Campos em seu poema “A Tabacaria”.

Algo nunca acontece; algo sempre falta acontecer; algo sempre permanece desconhecido. Por mais que nos esforcemos e empreguemos nossos recursos materiais, mentais e econômicos, nosso tempo e disposição investigativa, nossa mística, nossa religião, nossa ciência e tecnologia: o desconhecido permanece. Intocável. Por mais que nessa busca muita coisa se revele, e o poder de controlar fenômenos e eventos aparentemente se amplie; por mais que um avanço tecnológico se estabeleça, gerando confortos e ameaças sem precedentes, o mistério permanece. Desvendamos segredos que se mostram apenas parciais, nunca abarcam a coisa toda. O mistério permanece.

Mistério é o abismo intransponível para a consciência que apareceu e se separou em si mesma, fendendo a unidade em dois, criando-se e criando o criador e a criatura. Criando o observador e a coisa observada. Criando mundos dentro de mundos, criando o tempo e o espaço. Separando mente e matéria. Separando espírito e alma e corpo em uma aparente multidimensionalidade.

A entidade humana tem sido compreendida desde tempos muito antigos como cidadã de três mundos, ou de três dimensões: corpo, alma e espírito. No que discorremos acima temos um esboço do que corpo e espírito significam, mas e a alma? O que é alma? Psicologia é a ciência da alma. *Psique* é a palavra grega para alma. Alma vem do latim *anima*. Mas o que é isso que os gregos chamam *psique* e os latinos *anima*?

O que é esta "coisa"? Até o século IX a Igreja Católica reconhecia o ser humano como um ser trimembrado, compondo-se de corpo, alma e espírito. Por "alma" entendia aquilo que existia entre o corpo, estrutura física como a conhecemos, e o espírito, a consciência individualizada, o "Eu sou". Falava-se então que imortal era o espírito, e o espírito habitava um corpo mortal. Desse encontro entre o imortal e o mortal, surgia, como que entre os dois, a "coisa" chamada alma, onde se reconheciam todos as sensações e emoções, os sentimentos e pensamentos, idéias e ideais; os medos e os desejos, as simpatias e as antipatias.

Depois disso, a Igreja deixou de ver o ser humano como trimembrado, passando a vê-lo apenas como alma e corpo, ou espírito e corpo; sendo que as palavras "alma" e "espírito" passaram a ser como que sinônimas, designando uma mistura de espírito e alma, sendo vista como a parte imortal e imaterial do ser humano e também onde vivem as sensações e emoções, os sentimentos e pensamentos, as idéias; os desejos mais abjetos e as aspirações mais nobres; e sobretudo o medo.

A alma, consciente da separação, busca sua integração com Deus. A chamada evolução da alma é seu encontro com Deus, visto como a Unidade. Evolução ascendente é o caminho da alma na sua peregrinação à Deus. A totalidade caiu e se espedaçou em níveis dentro de níveis, no que se chama a involução do espírito, ou causação descendente. E a vida na terra é a sua escola de aprendizado e evolução. Entre o Bem e o Mal ela busca o Bem. Entre o certo e o errado ela busca o certo. Pois o Deus é visto e entendido como supremo Bem, sempre certo. Mas é Deus a Unidade? Não. A Unidade inclui tudo, o certo e o errado, o Bem e o Mal. Deus é o supremo espírito ou “Anima Mundi”, Alma do Mundo, o supremo Ser substantivo, que orienta a evolução da alma em sua direção. A consciência centrada em si mesma e sua projeção linear: primeiro um movimento descendente e depois outro movimento, desta vez ascendente, chegando no fim ao ponto de partida.

O fato é que a alma nunca evolui. Evolução da alma é o que reza o Pai Nosso: fazer segundo a vontade de Deus – infinitivo –, aceitar o pão de cada dia como nos é dado, e perdoar dívidas e devedores. Ou seja: não separação; ou melhor: Unidade. A Alma flutua entre pólos, entre o corpo e o espírito, e julga um mais importante do que o outro, entendendo o espírito como a evolução do corpo: o corpo evoluído se torna espírito; e entendendo corpo como espírito decaído, involuído. Assim, quando predominam as sensações, a alma é tida como menos evoluída, já que sensações são bastante terrenas e carnis; quando predomina a consciência a alma é tida como mais evoluída, uma vez que consciência

é a “substância” do espírito, pois já entendemos que o que é chamado de espírito é uma circunscrição de consciência na mente, é uma individualização da consciência. Às vezes a alma é mais racional, às vezes é mais sentimental, e isso muitas vezes é também avaliado como mais ou menos evoluído: a razão tendendo à consciência e ao espírito, por isso mais evoluída; e o sentimento tendendo às sensações e ao corpo, por isso menos evoluído.

A alma existe entre opostos, que longe de se excluírem, complementam-se uns aos outros; mais do que complementos, vivendo a separação, não se dá conta que espírito e corpo são Um só, parecendo dois. A alma não é senão “um corpo” de reações, com sua existência entre espírito e corpo tidos como opostos. Sonhando ser espírito e negando o corpo, pois toma o espírito como o essencial e mais alto que pode chegar; acredita e identifica o espírito como se ele fosse a unidade; orienta-se para o “Eu sou” espiritual que considera o supremo bem, ou Unidade, e coloca para si mesma, como meta da evolução, o desaparecimento do seu pólo inferior, mais próximo do corpo, para o predomínio final e definitivo do pólo superior, o mais próximo do espírito. O que nunca vai acontecer. Pois ela existe entre espírito e corpo, vive da tensão entre os opostos. Opostos cujos pólos não existem um sem o outro. Um aparece como bem e o outro aparece como mal, de acordo com o ponto de vista que julga; se um é o certo, o outro deve ser o errado. Mas bem e mal são irmãos siameses. Certo e errado são gêmeos univitelíneos.

O verdadeiro “estado evoluído da alma” é o desaparecimento simultâneo de ambos os opostos, na percepção da verdade sobre espírito e corpo, a percepção e vivência – que não é o mero entendimento intelectual – de que são apenas dois aspectos do Mesmo, ou seja, da Vida. Essa realização é o fim da contradição interna e o desaparecimento da própria alma; é o “aniquilamento da alma” (Porete, 1993), realizando assim a Unidade, cuja expressão é o amor e a paz. A busca do desaparecimento de apenas um dos pólos, para prevalecer só o pólo “bom”, como gostaria a alma, é o engano que assegura a permanência da divisão e separação entre espírito e corpo, e conseqüente permanência da guerra de opostos – a própria alma. Além do que, isso é impossível de acontecer; e o que vemos é o ser humano cometendo sempre os mesmos crimes, contra si mesmo e contra seus irmãos, contra o ambiente e contra a sociedade, em toda a extensão da História conhecida.

Expressão disso é o fato de nunca deixarmos de guerrear uns com os outros, seja porque nossa oferta não foi aceita, como no caso bíblico de Caim e Abel; seja para conquistar o que queremos do outro, terras, riquezas, hegemonia e poder; ou pelo “bem” dos nossos protegidos. Os motivos variam mas as guerras são sempre iguais, matança e destruição para nada, como nos casos históricos de Napoleão, Hitler e Bush, por exemplo. Caim matou Abel nos tempos Bíblicos de antanho, e continuamos matando do mesmo jeito, pelos mesmos motivos: o meu, o seu, o dele!

Desde que o mundo é mundo fazemos guerras; guerras santas, guerras profanas, guerras conquistadoras, guerras punitivas, guerras! Cujo resultado é sempre expressão de desentendimento, intolerância, ressentimento, ódio, medo, violência e destruição; expressão de uma convivência tornada impossível, pedindo a exterminação do outro, do que não é eu. Coisa da alma por excelência; a consciência de si mesmo intolerante para com o que não é si mesmo. Um pólo querendo a extinção do outro. Nunca a extinção mútua, mas certamente levando à destruição mútua. O jogo dramático da comédia de erros e enganos. Jogo das paixões humanas. Que também nos levam a idolatrar as oposições e a buscar o pólo oposto em busca da Unidade perdida, em busca da complementação, do casamento ideal, da satisfação plena de completar-se no tempo, do gozo assegurado da companhia certa, que aparentemente faz de “mim” um inteiro. Assim, com sorte, encontramos conforto e contentamento, mas nunca a Unidade. Onde estou eu, consciência de mim mesmo, não existe Unidade, embora eu, consciência envolta em si mesma, mim mesmo, pareço uma unidade. Mesmo que eu esteja feliz. Isso só me faz aparentemente mais tolerante, compreensivo, solidário, cooperativo e até compassivo, mas contrarie-me e você verá do que sou capaz!

A consciência individualizada existe nessa guerra ou brincadeira de opostos. Espírito e corpo. Luz e Trevas. A matéria a caminho do espírito; a sombra que se iluminará! Cada vida terrena vista como uma experiência da alma para superar seus erros e enganos. Tentará de tudo. Criará leis e procurará organizar tudo. Identificará o Bem e o Mal, o certo e o errado, e legislará e fará acordos, para exterminar o mal e o errado; corromperá se achar necessário; não poupará esforços nem recursos, tudo para prevalecer o bem e o certo. Criará normas sociais de convivência e punirá os infratores. Estabelecerá

regras e dogmas, e viverá entre crenças e prescrições do que é certo e do que é errado. Sempre em guerra e competição, competindo por tudo que enxergue como importante, mas ansiando por um mundo melhor, um mundo onde predomine a cooperação, a solidariedade, a compaixão e a paz, que a alma enxerga como possível no dia futuro em que todos enxergarão a verdade e o certo prevalecerá sobre o errado e o Bem prevalecerá sobre o Mal, inaugurando uma era de ouro que durará eternamente. Um pólo prevalecendo sobre o outro. “O impossível tão estúpido como o real”, como diria o mesmo Fernando Pessoa novamente pela escrita de Álvaro de Campos, no mesmo “A Tabacaria”.

III

Unidade se mostrou uma vez, sem que eu tivesse feito alguma coisa para isso. Tinha dezoito anos, talvez dezenove, estava guiando meu fusca na marginal Pinheiros em São Paulo, quando desapareci completamente, não mais havia eu separado, eu era tudo, tudo; o fusca, o espelhinho, os carros que passavam, o terreno baldio ao lado cheio de mato crescendo viçoso, o canteiro central, o viaduto, o rio Pinheiros, o céu poluído, os pássaros, os edifícios e além. Não que “eu” fosse tudo, ou que tudo fosse eu; na verdade tudo era Um só; e sempre fora assim, eu é que nunca tinha visto; não era eu, era uma única força por trás de tudo; muitas coisas diferentes, animadas e inanimadas, e uma única força que impulsionava tudo, que estava por dentro e por fora de tudo, todas as coisas nessa força, ou melhor, um único movimento aparecendo como a infinidade de coisas diferentes. Esse movimento era uma Presença que abarcava a totalidade, onde tudo acontecia e nada estava acontecendo de fato.

Havia consciência, mas não consciência de mim mesmo como entidade separada, como pessoa observando esse movimento; havia apenas o movimento e a consciência era o próprio movimento. A consciência não estava no corpo, na cabeça, estava em tudo, inclusive no corpo. Ah!... Não é consciência! Isso é Presença! Presença percebe. Presença é pura percepção, sem ninguém a perceber! Havia o corpo, mas não era o “meu” corpo, era um corpo vivo, entre tudo o mais igualmente vivo. A mesma força que o vivificava, vivificava tudo o mais. Era uma coisa só. Mas não era “uma coisa”, era apenas movimento. Um vasto movimento sem causa. Um campo imenso onde tudo parecia existir. O tempo desapareceu, e todo movimento desapareceu com ele, ficando só Presença, sem eira nem beira. Consciência e vitalidade eram apenas aspectos, que não pertenciam a ninguém, e faziam parte, ou melhor, apareciam na Presença, que a tudo abarcava. Nada era pessoal, individual, era um único campo; havia distinções no campo, como sub-campos por assim dizer, mas isso não fazia daquilo multiplicidade; como a luz, por exemplo, que “contém” todas as cores, mas é uma “única” luz. Não existiam coisas separadas, tudo era apenas Presença. E plenitude. Unidade.

Eu não tinha palavras para descrever o que ocorrera então; as palavras vieram com os anos, embora a compreensão tenha sido imediata. Não é preciso dizer que minha vida deu uma guinada de 360°, ou seja, continuei o mesmo e fazendo as mesmas coisas por fora, mas por dentro era totalmente outro, para nunca mais ser o mesmo, sendo o que sou desde então. Embora eu tenha reaparecido, como um eu que se percebe como que separado do resto, embora fale de mim como de uma pessoa, e tenha sentimentos pessoais em muitas ocasiões, nunca mais pude acreditar na separação como realidade, nem no sentimento de separação que a “consciência de mim mesmo” produz, nem me deixar enganar pelas sutilezas e armadilhas dessa ilusão de ser a mim mesmo.

Desde então compreendi a Unidade como a Realidade comum a todos nós. A Realidade que não aparecia para a consciência identificada consigo mesma. Para a consciência de mim mesmo, o eu, o mim, a realidade eram os objetos do mundo, as plantas, os animais, o mundo mineral, os seres humanos, os relacionamentos, as emoções e sentimentos, os pensamentos e idéias, os relacionamentos, a cultura, os valores, as religiões, as escolas, os negócios, as profissões, os bens de consumo, o conhecimento, títulos, posições, dinheiro, a busca incessante de felicidade e prazer, e a própria consciência de mim mesmo, eu. Com a revelação da Unidade, no desaparecimento da consciência de mim mesmo, vi que o

que considerava realidade não era senão aparência e efemeridade, e entendi o que os hindus queriam dizer quando diziam que o mundo e as coisas do mundo eram Maya, ou Ilusão.

Quando o eu desaparece, o que surge é o que sempre esteve presente, por isso podemos chamar de “Presença”. Presença é isso. É Presença que percebe e age. Não é que alguém esteja presente, um Ser divino, ou um indivíduo, alguém consciente e experimentando algo acontecendo. Presença não é experiência, e não é nem divina nem individual ou pessoal. Presença não é um estado que se vivencia. Presença não é “estar”, é “ser”. Presença é o que é. Um movimento sem objetos se movendo e sem sujeito a produzir o movimento. Um movimento sem começo e sem fim. Infinitivo. Sem ninguém presente praticando ou experimentando a ação. Nenhum eu. O “completo não-ser” da nossa epígrafe krishnamurtiana.

A melhor palavra para descrever isso que não é um estado, pois estados são passageiros, são experiências temporais, e isso não é uma experiência, nem no tempo nem fora do tempo, pois não tem quem experimente e acumule a memória como experiência, isso “é”. Isso é o que é. A melhor palavra para apontar para isso é mesmo o verbo no infinitivo “Ser”. Ser é essa palavra. Ser, como verbo infinitivo, repito, sem me cansar de repetir. Ser é a palavra que aponta para essa realidade essencial, que é a única Realidade, de fato. É a Totalidade, é Unidade. Nem vazio nem cheio. Simplesmente Amor.

Ninguém vivencia Presença. Presença é a própria Vida. É. Assim.

IV

Unidade é anseio mais profundo de todos nós. Sentindo-nos incompletos, insuficientes, como se sempre nos faltasse algo a ser adquirido: seja experiência, seja conhecimento, seja habilidade; que esperamos conseguir em uma escola, em um curso, com um mestre, com uma prática, um estudo, um aprendizado, ou uma graça. Assim como somos não serve, não é o bastante, temos que ser outra coisa, nos tornarmos mais, ou melhor do que somos agora. E para isso precisamos nos esforçar, trabalhar duro, ser perseverantes, madrugar, pensar positivo, rezar por ajuda, encontrar o mestre. E nunca chegamos lá. Estamos sempre aquém. Sempre a espera de alguém que nos diga quando estaremos prontos e finalmente nos sentiremos inteiros; mas não tem jeito, sempre falta alguma coisa. Podemos ter muito sucesso na nossa profissão; muito reconhecimento social, um bom casamento, filhos maravilhosos, conta bancária polpuda, bens, propriedades, boa formação, educação e cultura, conhecimento, filosofias profundas, e ainda assim, falta alguma coisa. Buscamos outros companheiros ou companheiras, criamos outra família, trocamos de emprego, de profissão, buscamos outros grupos, mudamos de cidade, de país, tentamos outra religião, outra escola, outro mestre. Tentamos de tudo. E nada. Continuamos nos sentindo de fora, estrangeiros, sem ingresso para o espetáculo da vida, sem a carteirinha do clube, charlatões, uma fraude. Queremos participar e estamos como observador, ou narrador. Todos parecem fazer parte e nós não. Dentro de nós mil vozes falam o que deveríamos ter feito, ou fazer para ser diferentes e nos sentirmos incluídos, ser protagonistas e não só figurantes clandestinos. Mil vozes de toda a humanidade e todos os campos de conhecimento humano; mil vozes de todos os medos e todos os desejos da nossa natureza humana multifacetada. Conscientes de nós mesmos sentimo-nos separados de tudo. Conscientes de nós mesmos nos sentimos separados do todo. Não estamos advogando a inconsciência, por favor! A inconsciência não é a solução, pois consciência e inconsciência fazem parte da mesma bolha de consciência que se circunscreveu em si mesma, e o que é inconsciência, só é inconsciência para a consciência circunscrita em si mesma. E, no entanto, somos parte do Todo; existimos no Todo; a Unidade nunca foi desfeita; mas não sabemos disso. Sentimo-nos separados do Todo, fora da Unidade. Sofremos.

Busca é o movimento da consciência identificada consigo mesma querendo resolver o problema da separação. A consciência, isolada em si mesma, sofre. Busca para curar a dor da separação. Presa na roda do tempo e do espaço; presa no espírito e na alma e no corpo; presa na cadeia de causas e

consequências; enredada em crenças, sentimentos, pensamentos, idéias e ideais, busca a Unidade perdida. Busca a totalidade. Busca ser o que não é. Quer ser o Ser infinitivo; quer ser a totalidade. Quer ser o caminho, a verdade e a Vida. O que é fluxo – alternância, ritmo, relação –, a consciência quer circunscrever e tornar igual a si mesma. Vida é tudo que acontece, mesmo que nada aconteça. Vida é movimento e transformação constante, e a consciência, isolada e identificada consigo mesma está sempre um passo atrás. Ao circunscrever-se, a consciência, que é fluxo – verbo –, torna-se em substantivo. E age como substantivo, ou sujeito. Sempre querendo parar a Vida para compreendê-la; sempre cortando-a em pedaços para encontrar o todo. Sempre do lado de fora.

Não vivemos em um mundo fragmentado. O mundo é uma totalidade que não compreendemos. Vivemos na Unidade. Falamos isso, mas não sabemos o que é isso. A Vida flui na Unidade. Não sabemos como começou e não sabemos se terminará. Vemos que aparece em formas e mais formas, mas não vemos a Vida, vemos a transformação e reconhecemos nela a substância formada e um princípio informacional modelando a forma a partir de dentro; portanto forma e informação. Substância é matéria, informação é da mente; assim aparece como duas correntes de energia, a corrente quente da vitalidade, o fogo da vida; e a corrente fria da consciência, a luz da percepção. Vitalidade e consciência constituem o mundo como o conhecemos. Estão sempre juntas embora tenham características opostas. A vitalidade expande a substância e diminui a consciência, funcionando na inconsciência. A consciência paralisa e limita a vitalidade, diminuindo a inconsciência. Assim as formas são criadas no fluxo da transformação que é a Vida. Consciência e vitalidade substancializam, movem e informam a transformação e, se em determinado momento, a vitalidade se retira, a transformação cessa e as formas ficam abandonadas, como substância inanimada que se deposita na terra, e como memória e informação que se deposita na mente. A Vida nunca abandona o Universo, seguindo, seguindo sempre. Forma é o que aparece quando na transformação que é a Vida a corrente da vitalidade se interrompe naquele local.

Vivemos em transformação. Em fluxo, em fluir – verbo no infinitivo. É o nosso olhar, olhar da “nossa” consciência pessoal, separada e identificada consigo mesma, que secciona a transformação por onde que é a Vida em formas e mais formas, em pedaços e mais pedaços. Aliás, quanto menor o pedaço mais interessante a explicação, mais verdadeiro parece. É o nosso olhar que secciona a transformação em forma e informação. É o nosso olhar que secciona a experiência viva em material ou mental, ou corporal e espiritual. Ao nosso olhar, o que é só um, aparece como se fosse dois. E assim nos enganamos e nos confundimos. Seja o olhar do corpo, seja o olhar da alma, seja o olhar do espírito, nosso olhar sempre centrado em si mesmo.

É o nosso olhar que secciona e fragmenta o mundo. Nosso olhar fraciona a Vida em segmentos no tempo localizados no espaço. Nosso olhar é um olhar com ponto de vista e ponto de fuga. Sem consciência de si mesmo não existe o ponto de referência para a visão, e na inconsciência não existe visão alguma. É a consciência de mim mesmo que, em mim, aparentemente fragmenta a Unidade. Aliás, outra palavra para Unidade é a palavra Universo, o verso único, sem dorso.

Não é a mente que fragmenta o Universo. Mente é o vasto campo informacional do fluxo da Vida e matéria é o vasto campo substancial do fluxo da Vida. Mente e matéria são face e dorso do Mesmo. Mente é também conhecida como campo espiritual, ou mundo espiritual, ou “campo Ponto Zero, o campo dos campos” (Laszlo, 2008). O campo mental, com sua inteligência universal e impessoal, sensível e perceptiva, que flui como consciência, junto da vitalidade – fluxo do campo material. Tampouco é a consciência que fragmenta o viver. Minerais, plantas e animais vivem na consciência e estão perfeitamente integrados no Todo. É a “consciência de si mesmo”, ou consciência pessoal que divide o Universo em dois: eu e o resto! E nesse estado de consciência, um estado de ser que parece fora do Ser, toda a dor e fragmentação aparente do mundo. É na consciência de mim mesmo que a multiplicidade se cria.

Assim nasce o sofrimento humano. Nasce de sentir-se um eu separado do resto, isolado no Universo. A insatisfação, o tédio e o medo só existem nesse estado de separação. Vínculos e pertencimentos, ou falta de vínculos e sentimentos de exclusão só são questões nesse estado de separação. Problemas de comunicação só aparecem nesse estado de separação. Propriedade das

coisas, sentimentos de posse, exploração da natureza, destruição da terra, existem nesse estado de separação. A exploração do homem pelo homem, os abusos e perversões sociais e pessoais são expressões desse estado de separação. Religiões e a busca da Unidade, chamada busca espiritual, são o coroamento desse estado de separação.

V

Vida, em seu fluir, é um movimento criador infinito, criando formas e mais formas; repetindo-se e sendo sempre diferente. Metamorfosando-se e trazendo uma variedade infinita, sempre com o mesmo princípio. Mente e matéria aparecem na Vida ao olhar observador da consciência individualizada, ou consciência pessoal: a pessoa.

Consciência e vitalidade aparecem juntas, como uma só energia, mas vistas como diferentes por apresentarem diferentes dinâmicas no fluir, assim aparecendo como duas correntes diferentes de energia manifesta, como já mencionamos acima. Para fins didáticos podemos dizer que uma vai da mente para a matéria e a outra vai da matéria para a mente. Lembrando mais uma vez que as duas vão sempre juntas, mas parece que predomina a vitalidade na corrente energética que vai da matéria em direção à mente; e parece que predomina a consciência na corrente energética que vai da mente em direção à matéria. Devido a essa predominância, dizemos que são duas correntes, uma ascendente e outra descendente, pois tomamos como referência a cabeça e as pernas com os pés. Os pés na terra e a cabeça no céu; a terra está embaixo dos nossos pés, e o céu está acima de nossas cabeças. Experimentamos, assim, a noção espacial de um eixo vertical da cabeça aos pés, ou ainda mais profundo: do espírito ao corpo.

À propósito, a terra é material, sólida, escura e pesada, rígida e fixa ao nosso olhar; e o céu é leve, transparente, luminoso, quase imaterial, cheio de movimento e plasticidade, ilimitado à nossa visão. Se os tivéssemos que representar geometricamente, escolheríamos o quadrado para representação da terra, e o círculo para representação do céu; também representaríamos o espírito como círculo, e o corpo como quadrado, seguindo o mesmo raciocínio. Essa informação nos será muito útil abaixo.

A corrente da vitalidade, sensível à mente e à consciência que vive nela carrega e organiza a matéria em direção ao espírito, aprimorando-o como instrumento vivo. A corrente da consciência sensível à matéria e à vitalidade que vive nela carrega e substancializa o espírito permeando-o de matéria formando corpos e aprimorando-os como instrumento para a consciência. Repetindo: as duas correntes são simultâneas, não é primeiro uma e depois a outra, embora à nossa visão possa parecer assim. Uma não existe sem a outra em si. Como o símbolo chinês do Tai Chi, conhecido de todos, onde um círculo apresenta-se com duas “baleias se acasalando”, uma preta e a outra branca, na preta um ponto branco, e na branca um ponto preto; a figura toda simbolizando as duas correntes de energia yin e yang, que em seu fluir constroem o universo e todos os seres, estando sempre juntas, uma dentro da outra, como uma coisa só. Consciência e vitalidade são o yin e o yang da Vida, e criam todas as coisas e seres vivos.

Ao observarmos-nos e observarmos outros seres humanos, reconhecemos o corpo, como algo individual e separado dos outros corpos; mas também reconhecemos que a biografia de cada um é algo único e singular, apontando para um princípio que a individualiza e distingue de todas as outras histórias pessoais. Fica assim evidente a presença de um princípio individualizante que se expressa no corpo como um “Eu” ao longo de toda sua biografia. Esse é o princípio espiritual, ou espírito que já falamos. O “Eu sou” no ser humano. Um “núcleo individualizado de consciência” – termo cunhado por Theda Basso e Aidda Pustilnik nas aulas da escola iniciática que fundaram, a Dinâmica Energética do Psiquismo (Basso e Pustilnik, 2000).

Assim, podemos dizer que em todo ente humano vemos sempre esses dois aspectos que o identificam e o individualizam: uma consciência de si mesmo, ou princípio espiritual, que o leva a reconhecer-se como distinto e separado dos outros e dizer “Eu sou” para si mesmo; e um corpo físico, ou princípio material que lhe dá substância e corporalidade, que pode ser identificada e reconhecida pelos outros.

A vitalidade e a consciência, fluindo a partir do corpo e do espírito coloca cada ente humano em relação uns com os outros. A relação estabelece um diferente nível de experiência para a cada um. Na corrente ascendente cria-se o vínculo emocional e todas suas mazelas, como aceitação e abandono, acolhimento e rejeição, cuja gama de reações se apresentam como as distintas emoções. Na corrente descendente cria-se o vínculo espiritual ou kármico, influência do campo de memórias, com suas leis e padrões de relacionamento.

Seguindo o fluxo ascendente, a vitalidade permeada pela consciência leva as pessoas a buscarem uma ordem para as relações, a criarem normas e leis que regulam os relacionamentos, a se organizarem socialmente, procurando regular o fluxo do poder e da autoridade, e conter o abuso que surge por uns usarem o poder sobre os outros. Seguindo o fluxo descendente, a consciência permeada pela vitalidade, leva cada entidade a buscar sua expressão singular, ser autor de seus dias e assumir a responsabilidade pela sua expressão e suas consequências para todos os outros, incluindo a si mesmo. Isso caracteriza um novo nível de experiência para cada um.

Continuando a acompanhar o fluxo ascendente podemos reconhecer um quarto nível de experiência para a pessoa onde, diante das dificuldades relacionais, aparecem os ideais de comportamento e relacionamento, como a cooperação e a solidariedade, como a compaixão e a paz. Ao mesmo tempo que no fluxo descendente se configura também um quarto nível, onde aparece o ego, essa pérola da consciência de si mesmo, um caroço de pensamento, coroando de si mesma a experiência da pessoa, se apresentando como a Unidade, e querendo Ser, em liberdade, confiança e amor.

Vemos assim que onde se configura o ser humano, oito níveis estão presentes, em quatro pares simultâneos, segundo os fluxos descendente e ascendente. Podemos numerá-los aos pares, cada par expressando um mesmo nível, em seus aspectos espiritual e corporal dependendo da orientação do olhar: “Identidade espiritual” e “corpo” como primeiro par; “vínculos kármicos” e “vínculos emocionais”, segundo par; “expressão individual e responsabilidade” e “ordem e leis sociais”, o terceiro par; e “egoidade” e “ideais” como quarto par. Visto de forma esquemática, teríamos o seguinte:

- 1 – Identidade espiritual, Eu sou
 - 2 – Vínculos Kármicos
 - 3 – Expressão Individual, Autoria e Responsabilidade
 - 4 – Egoidade querendo ser a Unidade, a liberdade e o amor
-
- 4 – Ideais de compaixão, cooperação, solidariedade e paz, serviço
 - 3 – Autoridade, Ordem, Poder e Leis Sociais
 - 2 – Vínculos Emocionais e Sentimentais
 - 1 – Corpo, identidade física

Todos esses pares aparecem simultaneamente constituindo e estruturando o ser humano e sua manifestação caracterizando-o como uma entidade multidimensional, pois cada um desses níveis aparece como uma dimensão diferente da experiência humana. Assim como reconhecemos cada um desses pares – níveis, dimensões – no ser humano, podemos reconhecer cada um deles em qualquer entidade institucional criada pelo ser humano.

Compreender esses níveis é compreender a entidade humana em toda extensão de seu drama e comédia. Espírito, alma e corpo acontecendo no fluir da vitalidade e da consciência, que hora se localiza como que se fixando em um dos níveis, ou em um de seus aspectos, bloqueando e interrompendo o que aparentemente seria um fluxo saudável; e ora abarca todas essas dimensões, como um todo, fluindo

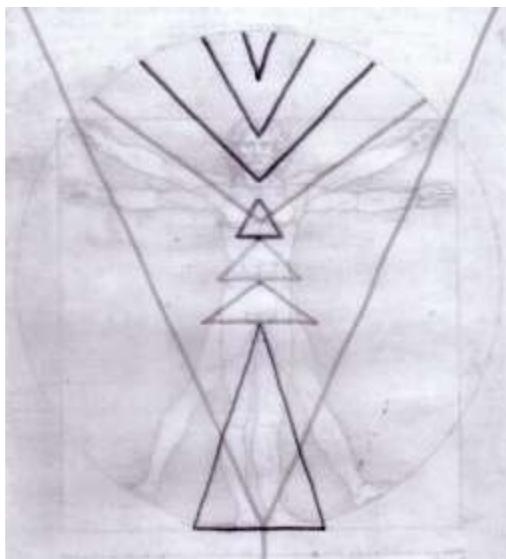
livremente, no que aparentemente seria um fluxo saudável. Compreender esse fluxos é compreender a natureza da saúde e da doença, no ser humano e nas instituições humanas. Compreender esses níveis é compreender todas as entidades que se individualizam e aparecem no mundo.

VI

No nosso livro “Triângulos – Estruturas de Compreensão do Ser Humano” (Basso e Amaral, 2007), apresentamos esses níveis como triângulos, de acordo com a percepção interior de Theda Basso, que reconheceu em seu próprio corpo esses níveis, como locais de expressão de padrões estruturadores, como princípios informativos não-locais impregnados em cada região do corpo, condicionando e condicionados pelas vivências do ser humano como consciência individualizada corporificada.

Representamos esses níveis como triângulos porque assim apareceram em seu corpo, na percepção interior de Theda. E de fato, foi uma representação acurada de cada um desses níveis. Triângulos, quando isósceles, são figuras geométricas que provocam a impressão de movimento, e indicam movimento em uma direção ao apontar na direção de seu ângulo diferente – triângulo isósceles é aquele que tem dois ângulos iguais e o terceiro, diferente. Representando cada triângulo isósceles com uma base horizontal onde estão adjacentes seus dois ângulos iguais (visíveis ou virtuais) e seu ângulo oposto apontando para cima ou para baixo, de acordo com o fluxo que queiramos representar, pudemos criar assim a imagem de um fluxo ascendente e de um fluxo descendente, obedecendo o mesmo eixo vertical. Temos então quatro triângulos “ascendentes” e quatro triângulos “descendentes” (cuja base e ângulos iguais são virtuais, aparecendo como que “abertos”, intencionalmente apoiados no círculo).

Ao percebê-los localizados no corpo, experimentamos representá-los sobrepostos ao “Homem Vitruviano” de Leonardo da Vinci, o que nos ajudou a descobrir seus ângulos e aprimorar suas relações. A bem da verdade, o Homem Vitruviano de Leonardo é, em si mesmo, um tratado simbólico e humano profundo, pois apresenta o ser humano apoiado simultaneamente em um quadrado e em um círculo. Já vimos um pouco do simbolismo por trás do quadrado e do círculo. No quadrado, o ser humano aparece parado, com os pés juntos e os braços estendidos, formando uma cruz; no círculo parece estar em movimento, aparecendo com braços e pernas abertos, formando uma estrela de cinco pontas. Ao sobrepor nossos triângulos à essa imagem poderosa, estamos ampliando seu poder simbólico, acrescentando informações às informações já expressas; criou-se assim uma nova expressão simbólica cujo poder informacional se revela graficamente ao olhar, indo diretamente ao corpo e à vitalidade e diretamente à mente e à consciência. Vejamos:



Triângulos, estruturas de compreensão do ser humano (2007, pág.66).

O primeiro triângulo descendente, cujo ângulo descendente repousa acima da coroa cefálica e se abre para o círculo, representando o princípio identificador e individualizador do espírito, a consciência que se circunscribe, o “Eu sou”. Enquanto o primeiro triângulo ascendente cuja base repousa no quadrado e sobe pelas pernas até a base do períneo, representa a base que é o próprio corpo e as forças da vitalidade; pernas que nos carregam pela vida afora, assim como nosso corpo nos situa no mundo.

O segundo triângulo descendente, cujo ângulo descendente repousa na região frontal, também aberto para o círculo, representando os vínculos kármicos e as influências mórficas e padronizantes do Campo de memória universal; enquanto o segundo triângulo ascendente tem sua base, paralela à base do quadrado repousando sobre o ápice do primeiro triângulo ascendente, abarcando a região do baixo ventre, representando os vínculos relacionais emocionais e toda sua carga condicionadora do ser humano em seus relacionamentos.

O terceiro triângulo descendente, cujo ângulo descendente repousa na garganta, se abrindo para o círculo, representando o impulso para a expressão individual, a autoria, e a tomada de responsabilidade pelos próprios atos; e o terceiro triângulo ascendente com sua base também paralela à base do quadrado, repousando sobre o vértice ascendente do segundo triângulo, abarcando a região do plexo solar e os princípios da autoridade e da ordem organizadora da esfera social, com suas leis, normas e poder.

E os quartos triângulos, que se encontram na região cardíaca. O quarto descendente representando a coroação do princípio individualizante no aparecimento do eu, o ego centralizador da consciência e responsável pelo egoísmo humano, querendo Ser, ser a Unidade, a liberdade, a confiança e o amor; enquanto o quarto ascendente representa os ideais humanos buscados pelo ego como a compaixão, a cooperação, a solidariedade e a paz, e nunca alcançados pela consciência identificada consigo mesma.

Os ideais humanos mais elevados não são atributos da consciência que se individualizou. Os ideais humanos mais elevados, como a Unidade, a liberdade, a confiança, o amor, a compaixão, a paz, a solidariedade e a cooperação verdadeiras, não vive no âmbito desses níveis ou quatro pares de triângulos. São absolutos, não-condicionados, incondicionais, sem motivo e sem finalidade posto que só acontecem em liberdade, e onde há qualquer condição, por mínima que seja, não é liberdade, não é amor. Os ideais humanos mais elevados não são ideais; só são ideais para a consciência que se

separou ao isolar-se em si mesma identificando-se onde deveria estar ausente. Os ideais humanos mais elevados são realidades na Unidade, no Ser infinitivo e Presente; além do tempo e do espaço, sem começo e sem fim, na Vida que acontece, fluindo em transformação perene, indivisa e inteira.

Para nomear o inominável e representá-lo no âmbito dos triângulos percebemos um quinto triângulo descendente e ímpar, cujo ângulo descendente e seus lados adjacentes tocam o quadrado e o redondo simultaneamente, nos pontos em que estes se cruzam, e se prolongam ao infinito, como o Um que aparece como dois. O quinto triângulo é um paradoxo, pois representa o que não pode ser representado: o campo de infinitas possibilidades do Tao, ou Deus, aquele que não tem nome nem forma, incognoscível e imanifesto, onde toda manifestação aparece e parece acontecer. Ser essencial da própria Vida, fluxo perene de transformação, verbo infinitivo. A Unidade.

O ser humano inteiro representado nos triângulos; corpo, alma e espírito representados nos triângulos. O primeiro descendente traz as coisas do espírito; o primeiro ascendente traz as coisas do corpo. Os segundos e terceiros e quartos triângulos, descendentes e ascendentes, trazem as coisas da alma, sendo que os quartos triângulos trazem o perfume da Unidade à alma, e os anseios da alma pela Unidade, mascarados pelo ego e pelos ideais.

Assim podemos entender o que fica óbvio: o que buscamos nunca iremos encontrar no âmbito dos quatro pares de triângulos, ou seja, no âmbito de corpo, alma e espírito. O que buscamos, a Unidade e seus absolutos, como a liberdade, a confiança, o amor e a paz, jamais estarão no âmbito do corpo, da alma ou do espírito; nem na consciência autoidentificada nem na consciência corporificada, em nenhum estado de consciência, nem na inconsciência. O que buscamos não é um estado de espírito tampouco; não é um determinado estado especial entre estados, a ser alcançado através de uma prática, ou de um método, nem de um processo no tempo. Buscamos Ser, a Unidade, o fim da ilusão de separação. Buscamos o que é; o que sempre foi e sempre será, o que sempre é, sem depender de pré-requisitos ou pré-condições. Não devemos comprar, nem vender, gato por lebre. Como disse Jesus, chamado Cristo, “a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Devemos dar aos quatro pares de triângulos o que é do tempo e do espaço, o que é condicionado e preso na roda de causa e efeito, entre causas e conseqüências; e dar ao quinto triângulo o que é da Totalidade, ou Unidade, e que nenhuma ação no tempo irá produzir, pois não existe caminho para o que é. O que é, já é. Isso é Ser.

VII

É no âmbito dos quatro pares de triângulos que a pessoa se forma, como reflexo do que é chamado de “desenvolvimento da consciência”. Quando por volta do terceiro ano de idade a consciência na criança se dá conta de si mesma e a criança passa a falar “Eu” ao referir-se a si mesma, diz-se que ela começa a entrar no estado pessoal de consciência, saindo de um estado pré-pessoal. Nesse novo estado ela passa a ser uma referência para si mesma, e a psique ganha maior estabilidade e consistência. Esse passo tem a ver com a maturação cerebral, que se prolonga até o fim do desenvolvimento do lobo pré-frontal por volta dos 21 anos de idade, quando se diz que o jovem entrou na idade adulta.

A consciência pessoal passa por um longo treinamento para se adequar às normas sociais, desenvolver seus dons em talentos e habilidades, ganhar uma profissão e encontrar o seu lugar na sociedade em que vive. Ao lado do seu condicionamento genético (primeiro triângulo ascendente) e seu condicionamento espiritual que o impulsiona para a individuação (primeiro triângulo descendente) – sendo que o processo de individuação é entendido como o ápice do desenvolvimento humano, para algumas correntes de conhecimento, por se confundir com a busca da Totalidade –, a consciência pessoal recebe um condicionamento social pela educação; seja a educação laica ou religiosa, formativa ou profissionalizante.

A consciência pessoal é sempre condicionada, impregnada que é pelas coisas da cultura, pelo campo de memórias universais – o hindu fala em Akasha, a astrofísica contemporânea sugere ser o mesmo campo Ponto Zero (Laszlo, 2008) –, pelas normas sociais, pelas limitações genéticas e espirituais – sua individualidade. A roda de causa e efeito se prolongando indefinidamente, indo além do corpo, num tempo que continua sempre, que aparece como uma série de reencarnações, em um processo de desenvolvimento que nunca se completa; mas é desse processo que surge a noção do transpessoal, do que vai além da pessoa.

Acredita-se que o espírito imortal guia a pessoa em sua vida terrena para o desenvolvimento da alma. Cada acontecimento da vida como desafios e exercícios para o desenvolvimento de novas capacidades e novos estados de ser, em um processo que não se interrompe com a morte do corpo e a morte da pessoa. De fato, a pessoa morre, mas o espírito continua, passa por experiências no pós-morte, voltando a reencarnar para completar suas lições inacabadas, enfrentar novas lições vindas do futuro, a aprender e realizar seus ideais, em um processo contínuo, até atingir a Unidade como espírito pleno. Espírito que é visto como a essência da pessoa e que sobrevive à pessoa, como realidade transpessoal, a reencarnar seguidamente, tantas reencarnações quanto necessárias até atingir a plenitude do espírito realizado, em um mundo puramente espiritual, entre seres puramente espirituais, que já completaram seu desenvolvimento e vivem na Unidade do mundo espiritual. Que pode então encarnar livremente, para ajudar os outros no caminho, e é visto na terra como indivíduo pleno, que é o “Eu sou”, um Deus encarnado, que está no corpo, mas é além do corpo, que é imortal e eterno, vivendo ao lado de Deus, como seu igual. Crença que nos prende na armadilha do tempo e da continuidade, acenando com a imortalidade no fim de um processo de desenvolvimento contínuo; imortalidade que é vista como o fim da busca, posto que traz a felicidade eterna, e a tão sonhada Unidade. Prometendo gato e entregando lebre. Todo processo ocorre no tempo. Um tempo infinito não faz o atemporal. Unidade não é do tempo, assim como a liberdade, a confiança e o amor. Temporal é tudo aquilo que começa e acaba. Atemporal é o fim do tempo. O verdadeiro des-envolvimento não é um processo no tempo, é a morte do tempo. Tempo é o conhecido. É um acordar. Quando estamos sonhando, acordar não é um processo no tempo, é um ato súbito e descontínuo, é o fim do sonho. Acordar é ver o que é. Semelhante ao autoconhecimento.

Autoconhecimento é ver o que se é. Conhecer-se a si mesmo. Educação verdadeira é o autoconhecimento. É além do corpo, da alma e do espírito. Não é pré-pessoal, nem pessoal, nem transpessoal. Só acontece no momento presente, nem antes nem depois. Nenhum processo no tempo pode realizar. É além da arte, da religião e da ciência. Embora seja uma arte. A arte de distinguir o gato da lebre. A arte de distinguir o verdadeiro do falso e o falso do verdadeiro, e não tomar um pelo outro.

Unmani Liza Hyde, diz em seu *site* na *Internet* (2009), traduzido livremente por mim:

Reconheça quem você é, e saiba que não existe, nem nunca existiu nenhuma separação. Absoluta Totalidade, absoluta Unidade, absoluto Amor, isto é o que você é. Ainda assim, buscar é um jogo dramático que a vida joga consigo mesma. Buscar preencher aquele vazio na minha vida que parece ser tão doloroso. Buscar algum tipo de segurança ou satisfação permanente, na esperança de que um dia eu vou encontrar o que estou buscando. O que quer que seja, o que está acontecendo agora nunca parece ser suficiente...

“Homem: conhece-te a ti mesmo” exortam os sábios de todas as eras. “Penso, logo existo” e Descartes pensou que estava a conhecer-se a si mesmo. Autoconhecimento não é pensar em si mesmo nem sobre si mesmo. Autoconhecimento não é pensar. Conhecer-se a si mesmo e reconhecer a ilusão de si mesmo, e a verdade de si mesmo. É ver o que é. É reconhecer os condicionamentos e impregnações que iludem a consciência; reconhecer os desejos e os medos, a busca de prazer e o evitar a dor; a busca de segurança e permanência na identificação consigo mesma e prisão na roda da fortuna, a roda da sorte e do azar, da causa e do efeito. É ver-se como pessoa insatisfeita e incompleta em busca da Unidade, que é além do pessoal e do transpessoal. A Unidade não se relaciona com a pessoa de forma alguma, nem com o corpo, nem com o espírito transpessoal. É acordar para o que é, é o fim da consciência pessoal. É Presença.

Autoconhecimento não é um caminho de conhecimento, não é um trabalho de consciência. Não é um processo no âmbito dos quatro pares de triângulos descendentes e ascendentes. Um processo nesse âmbito dos triângulos é um caminho de conhecimento, é um trabalho de consciência. E como todo caminho de conhecimento, todo trabalho de consciência, desenvolve habilidades, prepara para enfrentar certos desafios, torna a vida mais confortável, permite um melhor trânsito social, ser melhor na sua área de atuação, aperfeiçoar-se em seus talentos, enfim, sair-se bem no cotidiano, realizando sonhos e desejos, conquistando o sucesso. Mas isso não é autoconhecimento. O autoconhecimento não produz tudo isso também? Pode produzir, é claro! Mas essa não é a meta do autoconhecimento. Autoconhecimento é a realização da verdade acerca de si mesmo. É um ato livre de qualquer condição, qualquer motivo ou finalidade. O ser humano livre é o que é, não está interessado em tornar-se o que não é; está em paz. Ama. Isso é Ser.

Autoconhecimento é acordar para o quinto triângulo. É a morte do eu, do primeiro ao quarto triângulo descendente e do primeiro ao quarto triângulo ascendente. Simultaneamente. O corpo continua vivo, expressando a Realidade, a Unidade. Presença caminhando pela terra. Um corpo aberto à Presença. Um campo aberto ao amor. Confiança é total. Expressão única, singular, sempre nova, momento por momento, da Verdade eterna de Ser. Até o dia em que desaparece também o corpo. Então o que resta é o que sempre esteve presente. O fim da ilusão de ser um indivíduo, uma pessoa. É o desaparecimento da consciência de si mesmo, pessoal e transpessoal. É a jóia da humanidade. O que todos buscam e ninguém encontra.

A consciência de si mesmo pode experimentar um gostinho disso, pode sentir o perfume da Presença, mas nunca vai alcançá-la, nunca vai se tornar Presença, nunca vai ser Presença. Presença não é espírito, nem alma, nem corpo. Em Presença não existe ninguém presente experimentando; nem é algo, ou alguém, que venha em nossa direção. O que acontece é o desaparecimento do experimentador e da consciência de si mesmo. Esse desaparecimento é o que Tony Parsons (2003) e Richard Sylvester (2008) chamam de "acordar" e de "liberação", que é o que aconteceu com o Buda, com Krishnamurti, entre outros, e com "eles" mesmos.

Sentir o perfume da Presença é algo que acontece no cotidiano, nos caminhos de conhecimento, nos trabalhos de consciência, em momentos de inteireza, com alteração e expansão da consciência, que se desidentifica de si mesma temporariamente, e se percebe nos recônditos da mente e da matéria, em momentos inesperados, durante uma prática meditativa; durante um exercício físico; durante um momento de silêncio; durante uma caminhada na natureza; durante o tráfego intenso; em meio à uma grande dor ou um grande prazer. Momentos súbitos depois de um esforço intenso ou dedicação profunda a uma determinada atividade. O perfume da Presença é sentido e experimentado; um momento fugaz. Deixa aquela saudade impossível, aquele anseio profundo, uma tristeza sem pé nem cabeça. Momentos numinosos, que nos marcam fundo. Com certeza, todos experimentamos isso. Presença é mais próxima de nós do que nós mesmos. Está sempre aqui. Nunca foi embora. Nós é que aparentemente nos encolhemos. E adormecemos em nós mesmos. Nem existimos de fato.

VIII

Como é isso? Então o que estamos fazendo aqui? Para que estudar, conhecer, experimentar, praticar? Para que observar, investigar, aprender? Para que fazer um caminho de conhecimento, um trabalho de consciência? Tem sentido isso? Se nenhum caminho leva a Roma, para que viajar? A consciência identificada consigo mesma tem muitas perguntas e nenhuma resposta.

Ah!... Quer dizer que é só para os escolhidos, os eleitos, os que nasceram para isso? Tão bem expresso na Tabacaria: "O mundo é para aquele que nasce para o conquistar, não para os que pensam

que podem fazer isso, ainda que tenham razão” – é verdade isso que Fernando Pessoa escreve? Afinal, é ou não é possível a Unidade? O que devemos fazer então?

Reconto aqui, livremente, uma conversa de Krishnamurti com um amigo, de seu livro “A Única Revolução” (2001, págs. 146/147). É assim:

Estamos conversando sobre nossa própria vida, não fazendo suposições sobre a vida de outras pessoas. De fato, estamos juntos como dois amigos, neste lugar tranqüilo, investigando nossos problemas. Somos sérios, interessados e comprometidos com a solução dos problemas humanos, porque sentimos, como duas pessoas, que nós somos o mundo e o mundo é o que nós somos.

"Parece uma coisa interminável esta busca inglória, esta constante introspecção e análise, esta vigilância. Já tentei de tudo; todos os ensinamentos de muitas escolas, muitos sistemas de meditação – você sabe, todas as promessas disponíveis. Continuo incompleto, vazio por dentro".

Por que você não começa pelo outro lado, o lado que você não conhece? Da outra margem, a qual você não tem possibilidade de ver desta margem? Comece do desconhecido, ao invés de começar do conhecido; pois esse constante exame e análise somente fortalecem e condicionam ainda mais o conhecido. Se a mente vive a partir do outro lado, então esses problemas não existem.

"Mas, como vou começar do outro lado? Eu não o conheço, não sei onde está, não posso vê-lo".

Quando você pergunta: “Como vou começar do outro lado?” – você está ainda perguntando a partir deste lado. Portanto, não pergunte isto, mas comece do outro lado; do lado que você não conhece nada; comece de outra dimensão, que o pensamento, por mais astuto que seja, não pode apreender.

"Não posso imaginar como começar de outro lado. Em verdade, não compreendo essa asserção vaga; essa afirmação que, para mim, não tem significado nenhum. Só posso ir onde conheço".

Mas, o que é que você conhece? Você só conhece o que já está acabado, concluído. Você só conhece o passado. E estamos dizendo: comece daquilo que você não conhece, e viva a partir daí. Se você diz: "Como vou viver a partir desse lugar?" – então você está convidando o padrão do passado. Mas, se você vive a partir do desconhecido, você está vivendo em liberdade, agindo a partir da liberdade e isso, afinal, é amor. Se você diz: "Eu sei o que é o amor" – então você não sabe. Pois o amor não é conhecimento, não é memória, nem a lembrança de um prazer. E como não é uma memória, nem uma lembrança, então viva daquilo que você não conhece.

"Realmente não sei do que você está falando. Você está tornando as coisas ainda mais difíceis".

Estou propondo uma coisa muito simples. E estou dizendo que, quanto mais você procura, mais você tem para procurar. O próprio procurar é o condicionamento, e cada passo constrói um caminho que não leva a parte alguma. Você quer que novos passos sejam dados para você; ou você quer dar seus próprios passos esperando que o levem a uma dimensão totalmente diferente. Mas, de fato, você não sabe o que tal dimensão é, então sejam quais forem os passos que você dê, só poderão levá-lo àquilo que já é conhecido. Assim, largue tudo isso e comece do outro lado. Fique em silêncio, e você vai descobrir.

"Mas eu não sei como ficar em silêncio".

Aí está você de novo perguntando "como", querendo “saber como” para depois “fazer certo”, e não há um fim para o "como". Todo saber está do lado errado. Se você sabe, você já está morto. Ser não é saber.

IX

Sento-me com Li Po.

Estou na minha cadeira em frente ao computador. Tomamos chá.

O velho poeta chinês, sábio sem idade, conta-me, o que parece acontecer.

Está sério, e seu rosto é tranqüilo como uma lagoa ao entardecer. Olha para mim sem nenhuma pergunta; seu olhar inocente é o de uma criança sorrindo, os olhos brilham como diamantes. Sua barriga está solta e seus ombros descansados; a paz irradia sem nenhum esforço, sem nenhuma intenção. Ambas as mãos segurando a xícara com delicadeza e respeito, levam-na à boca. Sua fala é mansa e, ao mesmo tempo, firme e segura, como quem respira profunda e silenciosamente:

Os pássaros desaparecem na amplidão do céu.

A última nuvem se derrama e desaparece.

Sentamos juntos, a montanha e eu.

Só a montanha permanece.

A cadeira desaparece. Pergunto-me, antes de cair: Eu sou?

Referências:

- Basso, T. e Pustilnik, A. - “Corporificando a Consciência”, ICDEP, São Paulo, 2000, pág. 18.
- Basso, T. e Amaral, M. - “Triângulos – Estruturas de Compreensão do Ser Humano”, Edição do Autor, São Paulo, 2007, pág. 66.
- Hyde, U.L. - www.not-knowing.com – 2009, pagina de rosto.
- Krishnamurti, J. - “A Única Revolução”, Terra sem Caminho, RJ, 2001, págs. 145-147.
- Krishnamurti, J. “A Busca”, Terra sem Caminho, São Paulo, 2005, págs. 104-109.
- Laszlo, E. - “Ciência e Campo Akáshico”, Cultrix, São Paulo, 2008.
- Parsons, T. - “All There Is”, Open Secret, Inglaterra, 2003, pág. 108.
- Porete, M. - “The Mirror of Simple Souls”, Paulist, USA, 1993.
- Sylvester, R. - “The Book of No One”, Non-Duality, Inglaterra, 2008, pág. 143.
- Wilber, K. - “A Consciência sem Fronteiras”, Cultrix, São Paulo, 1991.

Leituras Complementares:

- Balsekar, R.S. - “The Ultimate Understanding”, Watkins, Inglaterra, 2002.
- Foster, J. “The Revelation of Oneness”, Non-Duality, Inglaterra, 2008.
- Haisch, B. - “The God Theory”, Red Wheel / Weiser, USA, 2006.
- Krishnamurti, J. - “Krishnamurti’s Notebook – full text”, KFA, USA, 2003.
- Oschman, J.L. - “Energy Medicine”, Churchill Livingstone, Inglaterra, 2000.
- Renard, G.R. - “The Disappearance of the Universe”, Hay House, USA, 2004.
- Roberts, B. - “The Experience of No-self”, State University of New York, USA, 1992.